

FASCÍNIO E POLARIZAÇÃO DE SUJEITOS NA INTERAÇÃO À MOVIMENTOS POLÍTICOS

Ericsson Andrighetti Bertoni¹

Gustavo Capobianco Volaco²

RESUMO

O presente artigo tem uma perspectiva de sujeitos frente a movimentos políticos e correlações com os fenômenos de fascinação e polarização advindos desta inter-relação. Buscando compreender o sujeito imerso em grupos, elucidando a subjetividade na relação de um sujeito com outro indivíduo, bem como suas interações com vários sujeitos simultaneamente. Através de agrupamentos sociais, averigua características e manifestações das diferentes formações e solidificações de coletivos. Assim, apresenta a política de forma ampla e social, buscando compreender como permeia a sociedade para posteriormente analisar fundamentações a partir de seu conceito e interação com os sujeitos. Abordando acontecimentos e fenômenos políticos atuais compreendendo perspectivas e conceitos trazidos de forma mais contemporânea. Expõe perspectivas sobre movimentos políticos e a relação com a sociedade, correlacionando com ideologias e idolatrias. Ressaltando o apoio a ideologias e representantes dos partidos bem como a democracia, e a moral por parte do sujeito.

Palavras – chave: Psicologia de Grupo. Política. Democracia. Ideologia e Idolatria. Moral.

ABSTRACT

The present article has a perspective on issues related to the processes of correlation between the phenomena of fascination and polarization arising from this interrelationship. Seeking to understand the subject in groups, elucidating the subjectivity with respect to another subject, as well as their interactions with the multiple functions simultaneously. Through social groupings, he ascertains characteristics and manifestations of the different formations and solidifications of collectives. Thus, it presents a policy of broad and social formation, aiming the organization of a broader and societal analysis. Abandoning events and displaying the waves and concepts in a more contemporary way. Exposition oriented blog and a relation with society, correlating with ideologies and idolatries. Highlighting the support to ideologies and statements of the parties as a democracy, and a moral on the part of the subject.

Key words: Group Psychology. Politic. Democracy. Ideology and Idolatry. Moral.

¹ Acadêmico da 10ª fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST

² Coordenador e Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST

1 INTRODUÇÃO

A relação entre um indivíduo e a política são analisadas e descritas durante toda a história perante acontecimentos e fenômenos políticos mundiais, aparentando tipos de interferências entre si. Assim, a ampliação da confluência do homem e a política, permite que se compreenda o fanatismo e antagonismo em ondas de polarizações sociais e adoração a políticos que, diante do cenário político contemporâneo, são fenômenos e movimentos que vêm sendo presenciados intensamente, sejam nas relações entre as pessoas ou sejam no apoio a ideologias e representantes dos partidos.

Com frequência oposições e adoração são observadas nas manifestações de um sujeito na interação política, intervindo significativamente em suas relações e agregações, constituindo-se de forma subjetiva em sua composição social, caracterizando como a política tende a interferir na vida social de sujeitos, e como os mesmos, em suas maiorias interferem e contribuem para estes fenômenos. Assim o artigo terá a perspectiva desta correlação em movimentos políticos, comuns em época de eleições e tomadas de poder, onde define-se, segundo Hannah Arendt (1979, p. 375), um movimento como uma “etapa transitória, que se encerra quando este movimento amolda à sua estrutura o maior número possível de pessoas, as aciona e as mantém em ação”.

Analisando a política como parte da vida comum do homem e de uma comunidade, através dela que o sujeito será considerado como parte de uma sociedade como um todo, e que possibilitará fazer paralelos de comparações com as características e conceitos das formações de movimentos e da política como organização. Obtendo a premissa de um sujeito em sua composição social, como fundamental para a consolidação de um ser social, explora-se a subjetividade a partir de expressões e vínculos estabelecidas desde as primeiras relações, compreendendo como tende a se inteirar com outros sujeitos e com um grupo como um todo.

Percebe-se a ideia de grupo enquanto unidade, caracterizando o sujeito ao grupo, como membro de uma nação, instituição ou como parte de uma multidão de pessoas. Trazidos nesta pesquisa através de movimentos políticos que tendem a coletivização de pessoas, reportando-se então para o sentido de agrupamento do homem, através da necessidade gregária³, considerando um termo usada no pensamento político grego que aponta para o homem como

³ Freud (1921, p. 127) define como: “um estado no qual os impulsos particulares de um indivíduo são fracos demais para chegar a algo por si próprios, para isso dependem inteiramente de serem reforçados por sua igual repetição nos outros membros do grupo.”

um ‘animal cívico’⁴, assim caracteriza-se o indivíduo dotado de um impulso social, inicialmente abrangendo a ideia de impulso.

Fazendo-se necessário ter uma perspectiva do sujeito a partir de sua relação com o outro, considerando vínculos e expressões na vida de um sujeito através do conceito de identificação⁵ proporcionado pela Psicanálise, que denomina tal conceito como um laço afetivo, destacando primordialmente seu surgimento através das expressões de um filho a partir dos vínculos familiares, ressaltando que algo mais está invariavelmente envolvido na percepção de um indivíduo, como um modelo, auxiliar ou até um oponente. Abordando esta identificação como algo característico da subjetividade.

Esta identificação irá permear e constituir-se também de outras relações do sujeito, tais como convívio e amizades, sendo a relação o objeto de análise, onde tais identificações envolvem influências com um grande número de sujeitos simultaneamente, sendo também o sujeito articulado por essas relações, onde as expressões afloram graus que não atingiriam individualmente, por ser ambíguo e facilmente influenciado, com ambas expressões direcionadas a aproximação de outros indivíduos do grupo. Assimila-se então, a parte social do termo com a conservação de vínculos, que se manifestam entre os sujeitos de um coletivo, onde o sujeito poderá sentir-se representado pelo todo a partir de considerações numéricas de um grupo, que geralmente o proporcionará um vínculo preponderante, de tal forma que, muitas vezes, tem como primazia o interesse coletivo, caracterizando-o também como ser social.

Considerando que o processo de imersão de sujeitos em um coletivo mostra-se delicado, pois é relativo aos vínculos estabelecidos do sujeito na condição de grupo. Para melhor compreender está preservação de vínculos entre um agrupamento de pessoas, ressalta-se manifestações de um grupo enquanto unidade, sendo o contágio como uma das expressões dos sujeitos, que faz com que os vínculos tendam a ser contaminantes em grupo. Assim as interações pertencentes a um grupo se tornam especiais em sua orientação, especiais no sentido de ressaltar sua peculiaridade, e a orientação por terem algo em comum como interesse, em que os vínculos do sujeito com um todo, ganham força pela reciprocidade.

⁴ Mais especificamente em Aristóteles (1991, p. 4) na obra “A Política” que aponta para o sentido de agrupamento do homem, e considera a família já como limiar deste conjunto. Considerando que o ser social, deriva também da interação dentro de uma comunidade, no qual o pensador o define como ‘Animal Cívico’. Denotando que “o homem é um animal cívico, mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos”. Citado por Freud como ‘Animal Político’ (1921, p. 128).

⁵ Assim o percebe, como vínculos e expressões em forma de emoção que possa vir a ser composta tanto de ternura quanto de desafeto. De acordo com Freud (1921, p. 99), “não há dúvida de que existe algo em nós que, quando nos damos conta de sinais de emoção em alguém mais, tende a fazer-nos cair na mesma emoção”.

Caracterizando, portanto, a peculiaridade como algo em comum que os sujeitos compartilham, e as identificações como efeito do traço representativo de cada grupo tendo em vista a interação como base para determinados coletivos, apresenta-se diferentes consolidações diante de fenômenos sociais, assim surgindo diferentes tipos de coletivos sociais. Posto isso, nota-se que há formações grupais passageiras e associações estáveis, podendo assim contrastar com os aspectos e concepções trazidos com os fenômenos e movimentos políticos, onde percebe-se a interação preponderante na vida do homem. Demonstrando a relação entre coletivos passageiros e associações mais estáveis sobre a seguinte alegoria:

[...] devem sua origem à consideração daqueles grupos ou associações estáveis em que a humanidade passa a sua vida e que se acham corporificadas nas instituições da sociedade. Os grupos do primeiro tipo encontram-se, com os do segundo, no mesmo tipo de relação que um mar alto, mas encapelado, tem como ondulação de terreno. (FREUD, 1921, p. 94)

Para relacionar os conceitos e ideias trazidas com a formação de grupos estruturados, analisa-se formas de grupos altamente organizados e permanentes que constituem a formação de coletivos. Ressaltando o fator de que cada membro possa vir a se identificar com uma ideia e composição do grupo, trazendo mais uma expressão que o sujeito experimenta na condição de grupo visto que, quando um sujeito se identifica inteiramente com o grupo e é reforçado por sua repetição em outros sujeitos do mesmo, experimenta também como expressão, a fascinação⁶ segundo Freud (1921, p. 86) pode ser entendida assim: “um indivíduo imerso por certo lapso de tempo num grupo em ação, cedo se descobre, num estado especial, que se assemelha muito ao estado de ‘fascinação’”. Evidenciando a partir dos vínculos e expressões particulares dos sujeitos certa peculiaridade ao grupo, trazendo exemplo destes grupos através da ‘igreja e o exército’⁷, sendo que uma certa força externa está presente na condição de união de um grupo, em que uma ordem ou devoção são compartilhadas pelos sujeitos, indicando inclinações e como um grupo é aberto a influência.

Dentro desta concepção, a política se solidifica a partir de condições especiais de um coletivo e sua organização, a mesma é representada pelo Estado, que podemos definir sua essência como uma máquina ou um organismo, uma pessoa ou uma instituição, uma comunidade ou empresa. Para tornar mais claro, equipara-se o termo Estado com política, sendo

⁶ “Para compreender esse fenômeno, é necessário ter em mente certas recentes descobertas psicológicas. Sabemos hoje que, por diversos processos, um indivíduo pode ser colocado numa condição em que, havendo perdido inteiramente sua personalidade consciente, obedece a todas sugestões do operador que o privou dela e comete atos em completa contradição com seu caráter e hábitos (FREUD, 1921, p. 86) ”.

⁷ “Lembremos que segundo a morfologia das massas podem-se distinguir espécies bem diferentes de massas e direções opostas na sua formação. Existem massas bastante passageiras e outras bem duradouras; Os exemplos mais interessantes de tais formações são a Igreja e Exército, isto é, uma certa coação externa é empregada.” (FREUD, 1921, p. 105)

que estes são, *status*⁸ de um coletivo, onde ganham representatividade política, assimilando este status expressada na especialização das funções de um sujeito dentro do coletivo, considerando também como algo social.

Compreendendo então o coletivo como uma comunidade ou sociedade, e classes, expressadas na especialização das funções de um sujeito dentro do coletivo, visto como um todo organizado, que originam-se como representação de ideais e devoções de um coletivo. Demonstra que através do *status* uma classe indica uma característica singular diante os coletivo, que toma algum tipo de sentido enquanto representação, destacando tal peculiaridade de um grupo visto anteriormente, onde os sujeitos poderão compartilhar algo em comum.

Abordando a inclinação na formação de um grupo, revela-se que uma multidão dificilmente aglomera-se sem ter uma organização, tendo como proeminência alguns fatores e condições para isso. Como a que um grupo deva ser colocado em interação, talvez sob a forma de rivalidade, com outros grupos semelhantes, podendo formar uma maior hegemonia entre seus membros, por ter algo para referenciar-se em sua representatividade e peculiaridade, distinguindo um grupo de outro. Percebendo que se formam categorias dentro da política, ou seja, os ideais e devoções de uma classe se tornam específicos em contraste de diversos destes *status* tanto individuais quanto coletivos, originando então partidos políticos.

Como organização política, estes partidos colocam em relação classes e coletivos advindas destas inclinações, trazendo o fator da interação na perspectiva do sujeito frente a relação amigos e inimigos trazido por Carl Schmitt (1932, p.23), caracterizando relações antagônicas, e “extrema intensidade de uma união ou separação, associação ou dissociação de pessoas”. Percebendo que a relação de rivalidade é fundamental para a consolidação de um coletivo enquanto político. Trazendo a religião⁹ em um paralelo comparativo, e já como de certa forma algo político, para caracterizar esta relação e os partidos políticos.

Com estes fatores presentes na formação de uma classe ou coletivo enquanto políticos, percebe-se que as expressões vão diretamente a extremos, com efeitos do contágio e fascinação experimentados pelo sujeito, e também a representatividade de considerações numéricas o mesmo já não se acha responsável por suas reações como veremos posteriormente, já que agora é representado por um todo, mais consistente e hegemônico como veremos posteriormente.

⁸ Segundo o uso corrente da linguagem, Estado é o status político de um povo organizado dentro de uma unidade territorial”. (SCHMITT, 1932, p.19)

⁹Uma comunidade religiosa que, como tal, lidera guerras, seja contra os membros de outras comunidades religiosas, seja outro tipo de guerra, constitui uma unidade política para além da comunidade religiosa. O mesmo é válido para uma associação de pessoas com base em fundamento econômico, como grupo industrial ou para um sindicato. (SCHMITT, 1932, p. 28)

Destacando que ao mesmo tempo que se torna intolerante, se torna submisso por algum tipo de autoridade ou ideal, sobressaindo como fonte para esta determinada inclinação a uma mesma direção de expressões experimentadas pelos sujeitos, onde com efeitos do contágio e fascinação, revelam novamente seu caráter sugestível.

Retornamos então a identificação de um sujeito, que desde as primeiras relações e na composição social do sujeito, é constituído por vínculos e expressões de forma bastante influenciável e muitas vezes ambivalentes, podendo assim observar que o contágio e fascinação experimentados pelo sujeito, faz com que como parte de um grupo sejam crédulos e abertos a influência, revelando a admiração de um grupo por um indivíduo, e destacando a figura de um líder como representante da identificação do sujeito por um grupo, visto que em grupo, os sujeitos se colocam quase que ‘instintivamente sob a influência de um líder’¹⁰. Podendo também representar figuras simbólicas na percepção do sujeito como membro de um grupo, lembrando que quase toda relação afetiva entre duas pessoas possui expressões tanto de afeição quanto hostilidade, significando os modelos, auxiliares ou oponentes onde o líder poderá também ser um representante dos *status* de classes e coletivos.

Preponderando a devoção a algum tipo de ideal de coletivos, que com a excessiva propensão a uma inclinação, determinam a relação entre seus membros, uns com os outros, assim, o indivíduo poderá desenvolver uma relação com o grupo como um todo, o que remete a tal reciprocidade vista anteriormente. Nesta concepção, se tratando de consolidação de um movimento político, variações interessantes podem surgir entre ideais e líderes, e na interação mutua entre os sujeitos, preponderando também a confluência destes dois fatores.

Para compreender sobre movimentos políticos salienta-se que são possíveis onde existam classes, que por um motivo ou outro desenvolveram certo gosto pela organização política, observando que estes movimentos dependem da força numérica de pessoas, inicialmente destacando as manifestações advindas dos vínculos e expressões que os sujeitos experimentam como parte de um coletivo, como preponderantes para a consolidação de movimentos.

Como o contágio, ressaltando, que devido a considerações numéricas que um sujeito experimenta na condição de grupo, muitas vezes tem como primazia o interesse coletivo, Arendt (1979, p. 357) aponta para este sentido afirmando que: “como membro de um movimento estará até disposto a colaborar com a própria condenação, contanto que seu *status*

¹⁰ [...]assim que seres vivos se reúnem em certo número, sejam eles um rebanho de animais ou um conjunto de seres humanos, se colocam instintivamente sob a influência de um chefe [...] Possui tal anseio de obediência, que se submete instintivamente a qualquer um que se indica a si próprio como chefe. (FREUD, 1921, p. 91)

como membro do movimento permaneça intacto”. Novamente trazendo a ideia de *status* a partir da ideia de identificação, destacando que isso é decisivo para que um indivíduo inteire-se com um movimento, pois a ascensão de um movimento corresponde a intensificação de pessoas para a política, consolidando grupos políticos para a representação de classe, caracterizando assim as apologias de partidos políticos, que muitas vezes independem do interesse pessoal, sendo um fator preponderante psicologicamente na política:

Dentro da estrutura organizacional do movimento, enquanto ele permanece inteiro, os membros fanatizados são inatingíveis pela experiência e pelo argumento; a identificação com o movimento e o conformismo total parecem ter destruídos a própria capacidade de sentir. (ARENDRT, 1979, p. 358)

Com a correlação entre as ideologias e líderes, considera-se os movimentos como coletivos e as classes tidas como grupos mais estruturados, que se consolidam através das manifestações e uniões de um coletivo e que fazem parte normal da sociedade, conseqüentemente os partidos políticos como representação de classe diante o Estado, tornam-se mais apologéticas em sua orientação, no sentido de enaltecer as expressões e vínculos peculiares de determinados coletivos, provocando maior segregação em movimentos sociais concomitantes com as expressões e *status* dos sujeitos imersos no mesmo.

Primeiramente aponta-se para a relação, ressaltando que para entender estes movimentos, temos de levar em conta como as classes e coletivos pensam psicologicamente, novamente apontando para o sujeito imerso em um grupo ou coletivo, onde Freud indica que:

Sejam quem forem os indivíduos que o compõem, por semelhantes ou dessemelhantes que sejam [...] o fato de haverem sido transformados num grupo coloca-os na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela cada qual membro dele, tomado individualmente, sentiria pensaria e agiria. (FREUD, 1921, p. 83)

Ressaltando a fascinação de sujeitos em movimentos políticos, que tanto a partir de ideais tidas como orientação, quanto na devoção de líderes, ressaltam o caráter sugestível de classes, pois o idealismo de um sujeito, tolo ou heroico, tem origem em experiências individuais, mas consolidam-se em relação, sendo os movimentos pautados em ideologias, preponderando a figura do líder, que assim se torna a espécie de um funcionário, que pode ser substituído a qualquer momento dependendo dos desejos das classes e dos coletivos, desta forma, o líder depende de um movimento como o movimento depende de um líder.

Salientando que atualmente a forma predominante de política em países ocidentais é o Estado democrático¹¹ que tem como o objetivo sustentar certas fundamentações aos partidos, que passaram a ser pensados no nível do funcionamento de sociedades complexas. As eleições de candidatos geralmente são tomadas por maioria de votos, de forma que as políticas reflitam, pelo menos até certo ponto, a vontade e os interesses dos cidadãos, ou seja, a soberania de um coletivo se dá por meio dos representantes que pelos coletivos são eleitos.

Recorre-se a ideia *status* e as políticas atuais no Brasil, em viés da correlação entre ideologias e líderes para ir ao encontro dos conceitos e ideias trazidas a partir da teoria de Representação Social¹², com o objetivo de observar os movimentos políticos a partir de uma perspectiva coletiva mais atual, sem perder de vista a subjetividade do sujeito, descrevendo fenômenos sociais, e a variação da diversidade dos coletivos nas sociedades modernas, tendo uma perspectiva do sujeito como portador de devoções e seguimentos que determinam a sua forma de viver na sociedade, sendo que, ao mesmo tempo o meio em que vive denota uma realidade social que possibilita o modo de pensar coletivo, onde neste sentido, o psicanalista Cristian Dunker (2008) em um entrevista concedida a Charleaux, indaga que:

O debate público e as diferentes tendências que compõem o campo social estão disputando hegemonia em termos de narrativas, ou seja, quem oferece uma explicação, um discurso, mais possante, mais convincente, mais persuasivo para dar conta da minha existência?

Compreendendo que as representações sociais, funcionam como ‘pano de fundo’, não apenas para pensar o cotidiano, mas para observar orientações e questões sociais dos sujeitos, inclusive as de natureza política. Observando a política já como parte constituinte da sociedade como um todo, e o funcionamento polar dos coletivos, analisa-se uma entrevista concedida a Enéas, onde o jornalista Olavo de Carvalho (2018) expressa sua opinião diante a política, afirmando que: “Quem sou eu nessa história toda? Não há organização, não há diálogo, não há membros. O Brasil está vivendo embaixo de uma alucinação”.

¹¹ “A democracia pensada como valor determina onde se quer chegar (conteúdo) e através de que forma (processo). Essa abordagem ultrapassa a formalidade - necessária e importante - dos procedimentos eleitorais e representativos: diz respeito à cultura política do país e como tal permeia todas as relações estabelecidas entre indivíduos, entre sujeitos coletivos e entre a Sociedade e o Estado (SCOREL, 1993, p. 42)”.

¹² Herdada do psicólogo social Serge Moscovici (1961), as representações sociais têm como finalidade tornar familiar algo não familiar, ou seja, descrever acontecimentos e ideias possibilitando a compreensão desses acontecimentos a partir de valores e teorias presentes nas classes sociais da sociedade, capaz de apreender aspectos das relações sociais de um sujeito, levando-nos a compreender os fenômenos que acontecem em nosso meio.

Neste sentido, através da representação social entende-se orientações e questões sócias como relevantes para rivalidades, disseminação de ideologias ou apoio a representantes políticos, destacando que as classes precisam segregar os inimigos para reforçar os laços de identificação entre os membros, influenciando em coletivos e classes em.

Analisando o *status* político através da representação social, compreende-se fatores sociais e políticos acerca de um fenômeno e movimento brasileiro, observando a opinião pública através de uma pesquisa¹³ sobre a preferência e rejeição de candidatos à presidência, constando que “as opiniões e divergências não surgem do nada, e sim são construídas coletivamente, através das relações sociais, e em todos os seus níveis”. O que nos apontam para o contágio como fator predominante na opinião pública, visto que o mesmo caracteriza-se pelos ideais e devoções serem contaminantes em grupos, e se tratando de política, os valores propagandísticos¹⁴ mostra-se preponderantes na formação de opinião pública, pois expressam as ideologias e representantes por parte dos partidos.

Para explicar movimentos políticos atuais e está segregação de forma mais antagônica em políticas atuais no Brasil, em viés da correlação entre ideologias e líderes, indo ao encontro dos conceitos e ideias trazidas, observa-se formas políticas na América, que tem como base o Estado democrático, mais precisamente nos Estados Unidos¹⁵, predominando a polarização política em dois partidos, o partido republicano e o partido democrata. Onde novamente é destacada a figura do líder e as ideologias presentes nos partidos, que de acordo no livro “Como Morrem as Democracias” de Levitsky e Ziblatt (2018, p. 46) que explica o histórico político americano, afirmam: “tanto democratas como republicanos enfrentaram figuras extremistas em suas fileiras, algumas das quais com considerável apoio público”. Ressaltando também a oposição partidária que se ocupa de relações antagônicas advindas das classes e coletivos, e como os sujeitos a uma classe se identificam e apoiam essas ideologias e líderes.

Percebendo a correspondência das diversidades na consolidação de partidos políticos, que apropriam-se de apologias pautadas nas características das classes, o antagonismo e a relação de ideologias e líderes, observa-se que a política também sofrem interferências e declínios com as mudanças e movimentos sociais, criando dicotomias na sociedade e um

¹³ Entrevista com leitores de um mesmo jornal, em torno da opinião pública sobre a preferência e rejeição a dois candidatos à presidência do Brasil. (Lhullier 1995, p. 125)

¹⁴ Hanna Arendt, referindo-se ao povo Judeu (1979, p.357): “Pelo contrário: para o assombro de todo o mundo civilizado, estará até disposto a colaborar com a própria condenação e tramar a própria sentença de morte, contanto que o seu status como membro do movimento permaneça intacto”.

¹⁵ Durante a guerra civil americana (1861-1865), resultou-se diferenças acentuadas entre Norte e Sul dos Estados Unidos passando por transformações em todas as esferas sociais e políticas. Acompanhado dessas transformações, os partidos também mudaram significativamente.

‘colapso político’¹⁶. Apresentando que não só durante eleições e movimentos que a interação coletivos, classes e partidos políticos estão presentes na vida do homem, ressaltando a afirmação de Arendt (1979, p.91), onde: “se conclui que pode ser errado presumir que a inconstâncias e os esquecimentos das massas signifique estarem curados da ilusão política.” Novamente trazendo como o sujeito é influenciado por um coletivo, e que mesmo isolado pode estar fazendo parte do mesmo. Fazendo com que coletivos estejam sempre confluindo com uma classe ou outra, cujas são pautadas em ideologias ou idolatrias, que com o excessivo pleiteio e adversidade dos partidos que confluem na política, as classes se polarizam e os sujeitos geralmente se opõem facilmente uns com os outros, adotando líderes políticos como representantes de sua posição.

Explora-se então, esta ilusão em sujeitos na interação política, retornando para o pensamento na formação de coletivos, que segundo Freud (1921, p.91): “Por fim: as massas nunca tiveram sede de verdade, requerem ilusões, as quais não podem renunciar. Constantemente dão ao que é irreal precedência sobre o real; possuem tendência a não distinguir entre as duas coisas”. Procurando compreender melhor a está ilusão através de ideologias e idolatrias, e a eterna renúncia de sujeitos em movimentos políticos enquanto democracia, fazendo-se necessário também entender mais sobre a política e a subjetividade do sujeito.

2MÉTODODO

A metodologia é um processo que coordena uma investigação científica, proporcionando instrumentos para a realização da pesquisa científica e corroborar com seu desenvolvimento. Caracterizando como o estudo da organização dos processos, que “é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos” (GIL, 1999, p.17). O presente artigo tem como base e desenvolvimento a pesquisa bibliográfica, definida como:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (Gil 1999, p. 44)

¹⁶ “A esta altura, a sociedade está dividida em campos ou partidos em competição, um deles procurando defender a velha constelação institucional, o outro tentando estabelecer uma nova. Quando ocorre essa polarização, os recursos de natureza política fracassam.” (Kuhn Thomas, 1970, p.127)

A metodologia inclui concepções teóricas de abordagem, a teoria e metodologia caminham juntas e são articuladas enquanto conjunto de técnicas, dispõe de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar impasses teóricos do processo de pesquisa. (MINAYO,2016)

Foi utilizada como instrumento a pesquisa na coleta de dados, contendo e livros pertinentes ao tema, e artigos científicos contendo base nas publicações, sendo elas: FBbp, PIAIC/UEU, LABCOMP, SciELO. Padronizando a pesquisa através das palavras-chave, objetivando a busca de artigos e livros pertinentes ao tema. Os dados coletados neste trabalho serão analisados utilizando como base o referencial teórico. Utilizando-se da análise de texto, que o divide em três partes, análise dos elementos, das relações e da estrutura (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 30).

Conforme Minayo (2016), para que um problema seja abordado no âmbito da intelectualidade, ele necessita ser, antes de tudo, um problema identificado nas práticas cotidianas dos sujeitos. No caso da psicologia, e no assunto abordado neste trabalho de conclusão de curso, nos situamos nos problemas situados na literatura.

Neste aspecto, a pesquisa realizada aborda as prerrogativas apontadas para que uma pesquisa aconteça, aliando a teoria por meio de um contexto metodológico definido. Para a pré-seleção dos artigos dentre os que foram encontrados nas pesquisas, foi utilizado como método padrão a leitura do resumo e suas palavras-chave para a definição da relevância do tema para a pesquisa.

Em seguida, foi realizada uma leitura integral de todos os pré-selecionados, buscando delimitar os artigos que apenas abordam o tema a partir da teoria da psicanálise, relacionando-a com a interação de sujeitos a política. A pesquisa bibliográfica foi realizada no segundo semestre de 2018, sendo eles em sua maioria relacionados com o tema de forma geral. Essa diversidade encontrada durante a leitura integral dos artigos, justifica a segunda seleção realizada para obter um resultado acurado em relação aos trabalhos psicanalíticos.

3 DISCUSSÃO

3.1 Ideologia e idolatria

Para debruçar-se sobre os fenômenos de ideologias que são observados nas características das manifestações de um sujeito, em forma de ideais ou adoração, até a forma enquanto políticos dos mesmos através de disseminação de interesses, destacando a ilusão de coletivos. Através do termo Genealogia do Fanatismo¹⁷, relacionando a fascinação com a idealização de um sujeito, denotando que: “Em si mesma toda a ideia é neutra, ou deveria sê-lo; mas o homem a anima, projeta nela suas chamas e suas demências [...]”. A passagem da lógica à epilepsia está consumada, assim nascem as ideologias e as doutrinas.”

Percebe-se que o sujeito imerso nos movimentos políticos como apoiador de ideologias, por instinto, converte em incondicionados os objetos de seu interesse. Ou seja, tenta buscar aquilo que não pode possuir, visto antes que geralmente o indivíduo de um coletivo político não se acha responsável por um governo, ressaltando a eterna renúncia presentes nos movimentos, onde o sujeito estará sempre apoiando um partido ou movimento e se opondo a outros. Para entendermos melhor a ideologia presentes nos movimentos, e os sujeitos que se identificam com as mesmas, nota-se que com frequência a relação de ideologias e adoração a líderes são observadas em conteúdos e livros, trazendo uma visão mais técnica, no livro “Ideologia” de Terry Eagleton (1991; p.13), ressaltando que:

O que induz homens e mulheres a confundir-se de tempos em tempos, com deuses ou vermes é a ideologia. Pode-se entender perfeitamente bem como seres humanos são capazes de lutar e matar por razões materiais – razões relacionadas, por exemplo, com sua sobrevivência física. É muito mais difícil compreender por que chegam a fazer isso em nome de algo aparentemente tão abstrato quanto os ideais.

Recorrendo novamente à genealogia do fanatismo, para perceber que a idolatria de um sujeito, como adoração, está fortemente interligada com os ideais dos sujeitos, e também a ilusão vista anteriormente através da ficção, onde Cioran (1949, p.14) revela que: “Mesmo quando se afasta da religião o homem permanece submetido a ela; esgotando-se em forjar simulacros de Deuses, adota depois febrilmente, sua necessidade de ficção, de mitologia, triunfa sobre a evidencia e o ridículo.” Percebendo as figuras simbólicas que o sujeito pode experimentar vistas anteriormente, fazendo-nos perceber que a capacidade de adoração é responsável pelas expressões de um sujeito na política, denotando que o sujeito “ama indevidamente como deus e obriga os outros a ama-lo, na espera de exterminá-los se se recusarem”. Ressaltando a subjetividade para o sujeito, e a rivalidade presente na política.

¹⁷ Usado por Emil Cioran no livro Breviário de Decomposição de 1949.

3.2 Democracia?

Para complementar a relação de políticas atuais e os sujeitos confluentes nos movimentos políticos, considera-se a democracia como forma política predominante na América, e como representatividade dos coletivos diante o Estado. Tentando elucidar mais esta correlação, aponta-se para o sentido de movimento políticos, abordando inicialmente uma forma política mais remota na sociedade, o totalitarismo¹⁸, que aponta para aspectos dos coletivos e classes, através de movimentos políticos, percebendo que “somente onde há grandes massas supérfluas é que se torna viável o movimento totalitário, onde o caráter apolítico de populações vem à tona somente quando as classes entram em colapso e destroem fios visíveis e invisíveis que ligam o povo à estrutura política.” Assim, suas condições como grupos mais organizados politicamente tem ainda certa representatividade para os membros das classes, que mantem-se coesos e esperam quase que involuntariamente por algum *status* político, para poderem expressar seus ideais e consolidar vínculos, formando maior hegemonia de classes e conseqüentemente coletivos. (ARENDR, 1979, pg. 364)

Nesse sentido, a democracia como representação, propõe aos sujeitos condições que são consideradas valores democráticos, ou seja, na política moderna, a democracia é vista em oposição à estas formas totalitárias, o estado democrático surge perante classes com o objetivo de representar os ideais dos coletivos de forma igualitária. Abordando estes fatores, na democracia como um fenômeno bastante sublime, parecendo pouco convincente que a maioria dos membros de uma classe permaneçam fora de um partido ou organização política, ou seja, o fato de um sujeito pertencer a uma classe, que tem condições grupais limitadas e certas atitudes tradicionais em relação ao governo, impede que os sujeitos como parte de um coletivo se sintam, individualmente responsáveis pelo governo do país. (ARENDR, 1979, p.374)

Assim as inclinações pertencentes dos coletivos terão caráter mais revolucionário, pois os membros, como parte de uma minoria, estarão sempre renunciando à outras classes, novamente apontando para a rivalidade na interação do sujeito com a política, vendo que os

¹⁸ “Totalitarismo é um sistema político no qual o Estado, normalmente sob o controle de uma única pessoa, política ou classe social, não reconhece limites à sua autoridade e se esforça para regulamentar todos os aspectos da vida pública e privada, sempre que possível:” O totalitarismo jamais se contenta em governar por meios externos, ou seja, através do Estado e de uma máquina de violência; graças à sua ideologia peculiar e ao papel dessa ideologia no aparelho de coação, o totalitarismo descobriu um meio de subjugar e aterrorizar os seres humanos internamente.” (Arendt, 1979, p. 375)

partidos se apoiam a estas rivalidades e isto atrapalha o funcionamento da democracia, salientando que:

Partidos pró-democráticos ficam às vezes tentados a se aliar com extremistas do seu flanco ideológico para ganhar votos ou, alianças, porém, podem ter consequências devastadoras no longo prazo [...] a morte de muitas democracias pode ser remontada ao fato de um partido ter maior afinidade por extremistas do seu lado do espectro político do que por partidos do outro lado. (Levitsky e Ziblatt; 2008, p.38)

Devido à isso, nota-se que os coletivos estão sempre confluindo de uma forma ou outra com a política, e os sujeitos imersos nos mesmos, estarão geralmente apoiados em algum tipo de ideologia ou representante políticos, levando a considerar a política como organização e a subjetividade do sujeito em interação.

3.3 Política como organização

Retornamos para a confluência do homem e política, reportando-se para o pensamento político grego, demonstrando como a política capacita os sujeitos a cooperarem e coordenarem suas ações, assim, cumprindo com suas mútuas necessidades, caracterizando a política como organização, onde no livro *A República de Platão* (1990, p. 54) denota-se que:

O que causa a política, é a impossibilidade que cada indivíduo tem de se bastar a si mesmo e a necessidade que sente de uma porção de coisas [...] um homem une-se a outro homem para determinado emprego, outro ainda para outro emprego, e as múltiplas necessidades reúnem na mesma residência um grande número de associados e auxiliares; a esta organização demos o nome de política.

Recorre-se assim a necessidade gregária para compreender a esta impossibilidade¹⁹, esclarecendo que, “esses fenômenos de dependência fazem parte da constituição normal da sociedade humana, de quanto cada indivíduo é controlado pelo grupo e as manifestações presentes no mesmo, que se apresentam sob formas de opinião pública e preconceito de classe”. (Freud, 1921, p.127) Assim percebendo que associações de pessoas, enquanto política possui características e fatores de um grupo como organização.

Remetendo a levar em consideração como referência, a condição de grupo e os sujeitos nesta relação, analisando o contágio e a fascinação como se fosse um motivo próprio, que inclina os sujeitos a favor ou contra uma determinada ação, sendo uma expressão das necessidades humanas como adaptação ao meio, percebendo que:

¹⁹ “Um estado no qual os impulsos particulares de um indivíduo são fracos demais para chegar a algo por si próprios, para isso dependem inteiramente de serem reforçados por sua igual repetição nos outros membros do grupo.” Freud (1921, p. 127)

Quando, sentados em filas apertadas nas assembleias políticas, nos tribunais, nos teatros, nos acampamentos e em toda parte onde haja reunião de pessoas, criticam ou aprovam determinadas ações ou palavras, em ambas as casas com grande alarido e de forma exagerada, gritando e aplaudindo ao mesmo tempo. (Platão, 1990, p.201)

Assim aborda-se novamente a relação de classes e coletivos e a rivalidade presente na política como forma de organização do mesmo, onde em um trecho do um discurso²⁰ no livro de Platão (1990, p. 15) pode-se notar a relação amigo e inimigo vistos anteriormente, analisando a seguinte afirmação: “Amigo é aquele que parece e realmente é honesto. Aquele que parece honesto, mas não é, apenas aparenta ser amigo, sem sê-lo. A definição é a mesma a respeito do inimigo.” Assim procurando entender esta honestidade através de Sócrates caracteriza-se uma distinção curiosa nesta relação, indagando que: “Por conseguinte, amigo é o indivíduo bom e inimigo, o mau?”

3.4 Subjetividade e a moral

Para compreender como um indivíduo tem como primazia o interesse coletivo aborda-se estes conceitos e definições novamente através da relação de um indivíduo com um todo, trazendo percebendo a moral de um sujeito frente aos fenômenos e movimentos, onde sofre mudanças no que se diz respeito às suas expressões, ressaltando que “é possível afirmar que um indivíduo tenha seus padrões morais elevados por um grupo” (Freud, 1949, p.90) percebendo que o padrão moral de um sujeito pode elevar-se, quanto cair muito enquanto parte de um todo. Trazendo a ideia de impulso trazida anteriormente e, percebendo que, mesmo o sujeito isolado pode fazer parte de um todo, caracterizando que:

O homem não é a consequência duma intenção própria, duma vontade, dum fim; com ele não se fazem ensaios para obter-se um ideal de humanidade ou um ideal de moralidade [...] somos um fragmento do destino, formamos parte do todo, estamos no todo; não há nada que possa julgar, medir, comparar e condenar nossa existência, pois isto equivaleria a julgar, medir, comparar e condenar o todo. E não há nada fora do todo! (Nietzsche 1900, p. 42)

Analisa-se este aspecto através da honestidade vista do pensamento Político grego, e agora com Nietzsche que no livro ‘Crepúsculo dos ídolos’ (1900, p. 6) observa que “as coisas honestas tanto quanto as pessoas honestas não tratam seus princípios com as mãos.” Correlacionado com o ‘amigo bom e inimigo mau’ visto antes na indagação de Sócrates, percebe-se que a compreensão do papel da política como organização requer atenção, pois permeia a condição do sujeito como parte de um todo, e como o mesmo muitas vezes não se

²⁰ Debate entre Polemarco e Sócrates no Livro I.

sente responsável por suas ações, buscando compreender moral de um sujeito como parte de um coletivo ou movimento sob a perspectiva da ideia de rebanho²¹.

Percebendo que as expressões e vínculos dos sujeitos vão ao extremo²², assim correlaciona-se a necessidade gregária a partir do livro “Além do Bem e do Mal” (1886, p.114) trazendo a ideia de rebanho de Nietzsche como uma forma de agregação de massa, que leva ao conformismo dos coletivos, à perda da individualidade e à manipulação e homogeneização das massas, destacando a moral do sujeito em relação, caracterizando que:

Os instintos mais elevados e fortes levam o indivíduo além e mais alto que a mediocridade e ao instinto gregário, indicam a morte do amor próprio e nascimento da coletividade, extirpam sua fé em si mesma, quebrantam-na de certo modo e - a reação é caluniar esses instintos. A decisão de estar só parece perigosa e tudo que separa o indivíduo do rebanho tudo aquilo que assusta ao próximo, será designado como o mal.

Assim aborda-se a afirmação de Arendt trazida anteriormente, ‘que o indivíduo como membro de uma classe estará disposto a corroborar com a própria condenação contanto que seu status como membro de uma classe permaneça intacto’. Para Nietzsche, nenhuma das correntes políticas de sua época conseguiu escapar dessa unanimidade da moral de rebanho que pode-se notar como a todas as diferentes formas de se pensar e fazer política, antes de Arendt aborda esta moral na ideia de coletivos, correlacionando com a religião apontando para a inversão de valores que iniciou-se com os judeus, e posteriormente nos cristãos na qual aquilo que é ‘bom’ é o que é miserável e pequeno, destacando que:

Quanta reverência aos inimigos não tem um homem nobre! Ele reclama para si seu inimigo como uma distinção, ele não suporta inimigo que não aquele no qual nada existe a desprezar, e muito a venerar! Em contrapartida, imaginemos "o inimigo" tal como o concebe o homem do ressentimento - e precisamente nisso está seu feito, sua criação: ele concebeu "o inimigo mau", "o mau", e isto como conceito básico, a partir do qual também elabora, como imagem equivalente, um "bom" - ele mesmo! (Nietzsche 1887 p. 31)

Para compreender estes aspectos de nobreza e ressentimento do homem, como sujeito de uma classe, recorre-se a subjetividade, e as significações do sujeito em relação através da moral, trazida por Nietzsche no livro a ‘Genealogia da Moral’, (1887, p. 29), através de uma distinção entre “senhores” e “escravos”, sendo que cada uma destas definições possui sua própria moral e estão intrínsecas aos sujeitos.

A primeira categoria refere-se ao sujeito como ‘nobre’ sendo forte, dominador, satisfeito com si, seu oposto é ‘homem de ressentimento’, aquele que é fraco e controlado, este último irá

²¹ Nietzsche em relação ao sujeito caracteriza-se: “homem do futuro” — como o seu ideal esta degeneração, esta diminuição do homem até torná-lo um homem de rebanho perfeito” (1886; p.117)

²² “Ele vai diretamente a extremos; se uma suspeita é expressa, ela instantaneamente se modifica numa incerteza incontrolável e um traço de antipatia”. (Freud, 1949, p.89)

criar seus próprios valores e condições, mas que irá sujeitar-se, adequar-se e tornar-se passivo diante dos valores e condições do primeiro e basear-se nestes valores como sendo os corretos, destacando que: “A moral nobre procede de uma triunfante afirmação de si mesma”. Ou seja, o nobre cria o conceito de bom a partir de si mesmo. Sua natureza é forte, íntegra, ele é o dominador de si. “Enquanto o nobre vive cheio de confiança e franqueza para consigo mesmo... O homem do ressentimento não é nem correto, nem simples, nem sequer honesto e leal consigo mesmo”. (Nietzsche, 1887, p.30)

Trazendo esta noção de muitas possibilidades da moral, que em virtude da uniformidade presente nos ideais e adoração dos sujeitos na política, rouba do homem justamente suas possibilidades, onde só o ‘homem escravo’ prevalece, reconduzindo-o a um perfeito adestramento, percebendo a moralidade como força que desenvolve apenas o ‘animal de rebanho no homem’. Elucidando que:

Assim, por imperativo e ajuda de uma religião que se mostrou complacente com os desejos do rebanho, chegamos a encontrar a moral até nas instituições políticas e sociais; de tal modo que cada vez é mais evidente que para esta moral o movimento democrático é o herdeiro do movimento cristão. E assim, todos de acordo em seus desassossegos a respeito da piedade universal e sua fé no rebanho coletivo. Isto é, neles mesmos. Nós que temos uma fé diferente, nós, para quem o movimento democrático representa não apenas uma forma de decadência da organização política, mas também uma forma de decadência, isto é, uma diminuição do homem, uma mediocrizarão, um abaixamento do seu valor... NIETZSCHE (1886; p.115)

Assim podem-se diferenciar as várias formas que o homem tem em si, deixando em aberto muitas possibilidades de relação, caracterizando também o como muito sujeito não se acha responsável por um governo de um país, assim afilia-se e associa-se a classes, pois estarão sempre renunciando a valores e condições de outras classes ou partidos. Percebendo que mesmo o sujeito isolado pode estar fazendo parte de um coletivo, que perante a política como parte de uma minoria ou maioria tem um caráter apolítico, representando uma infração às suas condições necessárias, pois busca renunciar exatamente o que são suas condições de ordenamento de diferença, da hierarquia e do domínio de uns sobre outros, assim em consideração quando os coletivos se polarizam e os sujeitos se opõem, o que perturba é a consciência do homem “cordeiro” ou “ovelha”²³, que a partir da busca por uma sociedade igualitária traduz a recusa do que é próprio à sociedade, afirmando assim que todos querem a mesma coisa, lutam pelo mesmo ideal, e brigam entre si apenas no que diz respeito ao modo de alcançar o que querem.

²³ “*Bleating and babbling ;I fell on his neck with a scream;Wave upon wave of demented avengers; March cheerfully out of; Obscurity, into the dream*” Tradução: “Berrando e balbuciando; Eu caí em seu pescoço com um grito; Milhares de vingadores insanos; Marcham alegremente pra fora da obscuridade, pra dentro do sonho” (*Pink Floyd; 1997;Animals*)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se classes mais ambivalentes e fascinadas atualmente, representando as inter-relações dicotômicas entre classes e coletivos que automaticamente significam o colapso de grupos partidários representantes dos mesmos, pois estes partidos, cuja função são representar interesses de classes e coletivos, já não podem mais, não mais porque não estimulam ideologias ou compartilham interesses comuns como fontes e origens de inclinações, mas que devido à diversas formas políticas, tem um processo de unificação da ‘boa’ imagem do humano no que se aproxima somente de suas fragilidades.

Que será concebida pela busca da igualdade inclusive por meio de estratégia política, que estão presentes em todas as correntes políticas, inclusive a democracia, assim as classes esperam sempre renunciar ou restaurar os interesses. Sob essa perspectiva, percebe-se que a política como democracia, tem como pressuposto, que os governos governam para o povo, caracterizando a conduta dos sujeitos e ordem social de forma bastante instintiva diante o interesse dos coletivos, onde o predomínio das maiorias e o domínio das minorias, faz prevalecer uma total injustiça em que os sujeitos que confluem na política, não se dão conta de tal prevalência.

Nos levando a entender a ideia de rivalidade como algo bastante ardente diante de coletivos, pois se tratando de política, com o excessivo pleiteio e adversidade dos sujeitos que confluem na política e a partir de identificações com as ideologias e líderes, os mesmos entram em um círculo vicioso de rivalidades sociais e dicotomias políticas, tanto como maioria quanto minoria. Contudo, assimila-se movimentos políticos atuais entre classes e coletivos a este caráter apolítico, que constituem-se em movimentos políticos possuindo caráter antagônico em sua orientação política, consolidados em formas partidárias que expressam ideologias e figuras liderais diante dos coletivos, e que apropriam-se de apologia moral pautadas nas características destas classes e dos sujeitos imersos no mesmo, criando uma dicotomia na sociedade e um colapso político

Onde a fascinação, dependendo da moral, faz com que os sujeito estejam sempre pautado em um movimento ou partido, demarcando os inimigos de forma bastante exacerbada. Assim, somos todos membros de um clube, somos todos adeptos da moda, e em que se tratando de Democracia como representatividade do Estado em boa parte da América, o cenário político afigurasse com uma grande ilusão democrática.

REFERÊNCIAS

AREDNT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Trabalho original publicado em 1973).

ARISTÓTELES. **A Política**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

CHARLEAUX, J.P. **Como a Psicologia Vê os Efeitos da Crise Política para os Brasileiros**. NEXO jornal Ltda., 2008. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2018/01/26/Como-a-psicologia-v%C3%AA-os-efeitos-da-cri-se-pol%C3%ADtica-para-os-brasileiros>>

CIORAN, E.M. **Breviário de Decomposição**. Trad. José Thomas Brum. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995. (Trabalho original publicado em 1949).

EAGLETON, Terry. **Ideologia (Uma Introdução)**. Trad. Luiz Carlos Borges Silvana Vieira. São Paulo: Editora Boitempo, 1997. (Trabalho original publicado em 1991).

ENEAS, P.O. **Entrevista com Professor Olavo de Carvalho**. Critica Nacional jornal Ltda. 2018. Disponível em: <<https://criticanacional.com.br/2019/05/16/entrevista-com-professor-olavo-de-carvalho/>>

ESCOREL, S. **Exclusão Social: Fenômeno Totalitário na Democracia Brasileira**. São Paulo, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v2n1/05.pdf>> Acesso em: 08/11/18

FREUD, Sigmund. **Psicologia de Grupo e Análise do Ego**. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro, 1969. (Trabalho original publicado em 1921)

GIL, A C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

KUHN, T. S. **A Estrutura Das Revoluções Científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira, 1998. (Trabalho original publicado em 1970).

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como Morrem as Democracias**. Trad. Renato Aguiar, 2018. (Trabalho original publicado em 2018).

LHULLIER, L.A. **A Psicologia Política e o uso da Categoria “Representações Sociais” na Pesquisa do Comportamento Político**. Florianópolis, 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/4770/1995_lhullier_estudo_comportamento_politico.PDF?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 17/09/18

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo. Atlas: 2003.

MINAYO, M.C.F. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro. Vozes: 2016.

MORAES, P. R. **A teoria das Representações Sociais**. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2013/teoria_representacoes.pdf> Acesso em: 25/11/18

Música de título *Sheep*, da banda Pink Floyd, álbum *Animals*, 1997. Áudio disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3-oJt_5JvV4>. Tradução disponível em <<https://www.letras.mus.br/pink-floyd/92971/traducao.html>>.

NIETZCHE, Friedrich. **Para Além do Bem e do Mal**. Trad. Márcio Pugliese São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. (Trabalho original publicado em 1886).

NIETZCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. Trad. Márcio Pugliese São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. (Trabalho original publicado em 1888).

NIETZCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. (Trabalho original publicado em 1900).

NOGUEIRA, V.L.P.S. **O Fenômeno das Manifestações de Rua no Brasil: uma Leitura Psicanalítica do Comportamento das Massas**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/viewFile/7277/6407>> Acesso em: 30/10/18

OLIVEIRA, T. S. F. **As Bases do Pensamento Político em Aristóteles e a Fundação de uma Filosofia Política.** Minas Gerais, 2007. Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/download/3834/2839> Acesso em: 28/11/18

PLATÃO. **A República.** Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1990.

SCHMITT, Carl. **O Conceito de Político.** Trad. Geraldo de Carvalho. Belo Horizonte, 2008. (Trabalho original publicado em 1932).

ZANELLA, A.V. **Psicologia e práticas sociais.** Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-10.pdf>> Acesso em: 10/10/18